Os Filhos do Padre Anselmo

António José da Costa Couto Sá de Albergaria

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

Os Filhos do Padre Anselmo

António José da Costa Couto Sá de Albergaria

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Ricardo F. Diogo, Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at http://www.pgdp.net

Nota de editor: Devido à quantidade de erros tipográficos existentes neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Fev. 2008)

SÁ D'ALBERGARIA

OS FILHOS DO PADRE ANSELMO

ROMANCE

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
DE
Lello & Irmão, Editores

1904

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178, rua de D. Pedro, 184

OS FILHOS DO PADRE ANSELMO

I

Os irmãos da mão negra

O relogio dos Clerigos tinha acabado de fazer soar pausadamente as doze badaladas da meia noite.

O tempo estava brusco e o vento, soprando da barra em frias e cortantes rajadas, punha arrepios nos transeuntes que, levantadas as golas dos casacos e as mãos mettidas nos bolsos, seguiam a passo apressado, recolhendo a casa, sob a ameaça de um temporal desfeito.

Era em fins do outono.

As arvores do jardim da Cordoaria, varejadas pela ventania asperrima, despiam-se das suas ultimas folhas amarellecidas, n'um agitado e sussurrante protesto de espoliadas.

Quem a essa hora passasse pelo Campo dos Martyres da Patria, veria, encostado a uma das arvores que orlam o jardim, defrontando com a praça do Peixe, um vulto immovel e indifferente ao tempestuoso rugir d'aquella noite agreste e frigidissima.

Parecia esperar alguem, porque, ao ouvir bater a meia noite no relogio da torre, levou a mão ao bolso e, aproximando-se de um dos candieiros da illuminação publica, consultou o seu relogio.

--Aquelle anda adiantado cinco minutos--murmurou.

E deu alguns passos distrahidamente como para illudir a sua impaciencia.

Agora, que o podemos vêr ao reverbero do lampeão, notaremos que é um rapaz de 18 annos, decentemente vestido e de gentil presença, não obstante as feições finas e delicadas quasi lhe desapparecerem encobertas pela aba larga do seu chapéo á Mazzantini.

Tinha apenas dado um curto passeio no prolongamento do jardim, quando do lado da rua do Calvario avançou a trote rasgado um trem, que parou em frente d'elle.

--És tu, Paulo?--disse de dentro uma voz.

--Sou.

--Entra depressa, que a noite está agreste!

E a pessoa que fallava de dentro abriu a portinhola, facilitando-lhe a entrada.

O mancebo saltou de um pulo para dentro do carro, a portinhola fechou-se, e os cavallos seguiram no seu trote largo, dobrando a rua da Restauração e subindo a da Liberdade até ganharem a rua do Rosario.

Sigamos aquelle trem e ouçamos o dialogo que se trava dentro d'elle.

Apenas o mancebo entrou, a pessoa que o chamara e que era um homem de 28 a 30 annos, desceu rapidamente as cortinas do carro e disse para o seu joven companheiro:

--Meu amigo, como já te expliquei, isto são negocios em que se requer a maior circumspecção e escrupulo na observancia das praxes. Has-de consentir que te vende os olhos.

--Acaso desconfias da minha lealdade, Jorge?

--De modo algum. Mas é uma obrigação que o regulamento me impõe, e eu não posso faltar a ella sem trahir o meu dever.

--Pois bem, seja!

O sujeito que ouvimos chamar Jorge tirou então do bolso um lenço e

vendou com elle os olhos do companheiro.

--Has-de dar-me a tua palavra de honra que não tentarás arrancar a venda sem que para isso recebas ordem...

--Dou. Mas se o fizesse?

--Poderia isso custar-te a vida, meu caro.

--Apre!--fez o outro, sorrindo--vocês são intransigentes!

--Está n'isso a nossa força. Não violentamos ninguem a seguir-nos, damos ampla liberdade a cada um de rejeitar a nossa associação, mas defendemos a nossa existencia e mantemos o nosso segredo.

--É justo.

--Assim, tu podes, até á hora de prestares o teu juramento, reconsiderar e exigir que te restituam a liberdade. Nenhum mal te acontecerá por isso, a tua vontade será respeitada, a tua independencia mantida. Mas não saberás dizer onde estiveste nem as pessoas com quem fallaste.

--Poderei dizer que fallei comtigo...--gracejou o outro.

--Que importa? Eu não sou uma associação. Comigo póde fallar toda a gente...

--Fallemos sério!--tornou o moço que dava pelo nome de Paulo.--Asseveras-me que os intuitos d'essa associação em que vou entrar são em tudo dignos das justas aspirações de um homem de bem?

--Assevero-te que os irmãos da _Mão-negra_ comprehendem e cumprem á risca o nobre dever de se auxiliarem e defenderem

mutuamente contra as prepotencias sociaes da nossa epoca. No nosso gremio desapparecem as differenças de gerarchia e de dinheiro. Não ha pobres, porque todos somos ricos da riqueza e da importancia dos nossos irmãos.

--Poderei então contar com o auxilio da Associação na conquista da mulher que amo?

--Decerto--volveu o outro.--Tanto como amanhã qualquer de nossos irmãos poderá contar com o teu auxilio para a realisação dos seus desejos. Isto é apenas uma associação de soccorros mutuos, meu caro Paulo. A mulher que amas será tua desde que te filies no nosso gremio. Comprehendes que toda a acção da _Mão-negra_ se resume em tornar felizes e ricos os seus irmãos, porque d'essa riqueza e d'essa felicidade lhe advem a ella a força, o poderio, a importancia.

O trem ia correndo veloz pela estrada do Carvalhido, sem que Paulo, entretido na conversa, parecesse ter notado o tempo gasto na corrida.

--No emtanto--accrescentou ainda Jorge--os fins e intuitos da Associação vão sêr-te ainda expostos e confirmados por pessoa idonea e mais competente de que eu. Se te restar alguma duvida, o minimo escrupulo, poderás renunciar ao teu intento, com a unica condição de não tirares a venda nem tentares deslealmente devassar os segredos do nosso gremio...

--Conheces-me, e sabes que isso são processos indignos do meu caracter!--protestou o mancebo.

O trem parou em frente de um portão largo, que dava accesso a uma vasta quinta murada.

Jorge apeou-se e deu a mão ao seu companheiro.

--Chegámos!--disse elle.

Paulo apeou-se e, guiado sempre pelo seu amigo, transpoz o portão, que se abriu mysteriosamente, tornando a fechar-se sem ruido.

--E o cocheiro?--perguntou o mancebo.--Não receias a sua indiscreção?

--É um dos nossos irmãos--respondeu simplesmente o outro.

--Apre!--tornou o mancebo alegremente.--Eis aqui o que se chama um serviço bem montado!

Jorge não lhe respondeu. Conduziu-o por uma extensa e sombria vereda de ramadas até o fazer entrar n'um corredor ao rez do chão, pelo qual foram seguindo em silencio.

--Já estamos em casa!--disse Paulo.

--Porque?--perguntou o outro.

--Sinto-o pela differença de temperatura.

--Ainda não... Vamos entrar agora...

E levando aos labios um pequeno apito, tirou d'elle um silvo agudo e prolongado.

Ouviu-se uma porta girando sobre os gonzos, e os dois entraram n'um pequeno recinto em que os passos se amorteciam, abafados no tapete.

--Pódes tirar a venda--disse Jorge.

O mancebo levou a mão aos olhos, e com grande assombro seu, achou-se sósinho n'uma sala forrada de crepes, tendo ao centro uma mesa coberta de velludo preto e em que pousava uma caveira, allumiada por duas velas.

Um momento impressionado pelo sinistro aspecto da sala e pelo funebre quadro que se lhe offerecia á vista, o mancebo empallideceu e recuou um passo, aterrado. Porém, reflectindo e com uma coragem superior á que seria de esperar na sua edade, breve retomou o sangue frio e lançou um olhar de glacial indifferença para a caveira.

--É singular!--pensou comsigo.--Entro na vida pela visão da morte!

Como respondendo a este pensamento, ouviu-se uma voz soturna e cavernosa resoar na sala:

--Medita!--disse aquella voz.

O mancebo estremeceu e voltou-se rapidamente, a vêr quem lhe fallava.

Não viu pessoa alguma.

Passeou então os olhos curiosos pelas paredes forradas de crepes e não descobriu a porta por onde tinha entrado.

Se quizesse abandonar aquelle mysterioso e lugubre recinto, não o poderia fazer, por não encontrar sahida.

Embora surprehendido, nem por isso se apavorou.

--Medita!--tornou a voz a repetir.

Como resposta muda áquella intimativa, o mancebo cruzou os braços sobre o peito e ficou encarando fito a caveira.

N'aquella attitude altiva e firme, esteve assim por muito tempo.

Dissera-lhe o seu amigo que, para ser admittido na associação secreta da _Mão negra_, era preciso dar provas de energia, coragem e inquebrantavel força de vontade. Accrescentara que as provas a que

os neophytos tinham de sujeitar-se eram rudes e de molde a fazerem tremer o mais ousado. Elle, não obstante, insistira. Sentia-se capaz de affrontar os maiores perigos com animo sereno e tranquillo.

--Principiou a prova!--pensou--julgam-me uma creança assustadiça, capaz de me apavorar com este apparato funebre. Mostrar-lhes-hei que a creança é um homem, que póde disputar primasias de coragem aos mais fortes.

E n'esta resolução avançou para mesa, estendeu o braço e ia a tocar no funebre despojo, quando a voz mysteriosa recuou de novo, gritando:

--Detem-te! O que ias fazer?

--Tocar n'esta caveira--respondeu o mancebo com voz tranquilla.

--Com que fim?

--Com o fim de provar que a ideia da morte me não apavora.

--Que pensamento te suggere a vista d'esse triste despojo humano?

--Primeiramente, a ideia de que todos caminhamos para a mesma miseria...

--E depois?

--Depois, que a Morte é a niveladora implacavel do genero humano.

--Assim, crês que na Morte se confundem bons e maus, virtuosos e impuros?

--Creio que, materialmente, tudo se confunde na mesma podridão.

--Materialmente, disseste?

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com